



JUSTIÇA DE GUIMARÃES

Orgão social e defensor das classes trabalhadoras

Publica-se aos domingos

PREÇO DA ASSIGNATURA

Pagamento adiantado

Portugal, ilhas e colonias, por anno . . . 750
União postal 2500
Numero avulso 40

EDITOR - JOSÉ M. DOLIVEIRA JUNIOR

Redacção e adm. R. da Rainha, 136

TYPOGRAPHIA E IMPRESSÃO, RUA DE D. LUIZ I, 27.

ANNÚNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha 30
Repetições 29
Annuncios permanentes, contra o especial.

ADMINISTRADOR *Mulhies Duarte de Macedo.*

A seita negra

Entre os nossos inimigos mais perigosos e implacáveis, ha uma seita negra que nos combate em nome da religião de Christo.

Os socialistas, dizem elles, querem destruir as crencas religiosas que tem alentado e consolado a humanidade no caminho aspero e doloroso que do berço nos conduz ao tumulo.

Esses que assim fallam ou são hypocritas, reacionarios, ou fanaticos e ignorantes que nunca comprehendem os principios do grande apostolo e martyr da Judéa que todos se resumem no amor e na fraternidade universal.

Se Christo voltasse ao mundo a pregar a sua santa doutrina, a protestar energicamente em nome dos opprimidos contra os oppressores, a condemnar o luxo, as devassidões e as grandezas da terra e a conchegar aos seios os filhos desvalidos da miséria, elles seriam os primeiros se podessem, a tornal-o a crucificar como revolucionario e socialista.

Pois como podesteis vós, ó renegados, transformar nas seitas negras do algoz, a tunica immaculada do mavioso Jesus que chamava a si as criancinhas innocentes e as affagava tão docemente, que se curvava sobre todos os infurtunios e bebia o calix amargo de todas as dôres que perseguem e dilaceram o genero humano?!

Em nome de Christo acenderam-se as fogueiras onde foram queimados João Hus e Geordano Bruno, esses dous martyres sublimes que proclamaram a liberdade da consciencia!

Em nome de Christo foi atormentado Vanini e tortu-

rado Gallileu!

Em nome de Christo a «santa inquisição» condemnou ao supplicio e á morte milhares de victimas, tendo a impiedade cynica, o supremo escarneo de levantar a dôce imagem do martyr crucificado ao lado das convulsões dos agonisantes! . . .

A democracia social na luta eterna a travez dos seculos, e que fez resuscitar do seu tumulo de sombras, o verdadeiro Christo, o grande benfeitor da Humanidade.

Alma cheia de luz e d'amor, como é que os barbaros te poderam transformar em verdugo de teus pobres irmãos?!

O teu espirito generoso e bom resurge hoje em todas as conquistas da civilisação e do progresso.

Resurge nos legisladores que promulgam leis inspiradas pela liberdade, pela egualdade e pela fraternidade. Resurge no espirito das revoluções que libertam opprimidos e redimem escravos.

Para que vindes vós combater-nos em nome da religião de Christo?!

Adorai o papa infalivel, cercado de todas as pompas mundanas, no seu sólio refalgente d'ouro e purpuras.

Nós adoramos aquelle Christo que atravessou a terra, vestido com uma pobre tunica, e que essa mesma arrancou dos hombros para repartir pelos pobres e pelos desvalidos.

Elle, esgotando o longo e doloroso calix d'amargura symbolisava a verdadeira imagem do Povo, ha tantos seculos humilhado, opprimido e escravizado.

Nós os democratas sociaes que andamos luctando asperamente para dissipar todas as sombras que turvam a consciencia humana, somos os verdadeiros representantes da religião de Jesus. Não são esses espectros negros do passa-

do que atrophiam os cerebros e regem os corações: somos nós que sentimos e palpitanos no seio o sangue ardente de todas as grandes, nobres e generosas aspirações democraticas.

O fim da nossa lucta é acabar com todas as injustiças, sociaes e com todos os velhos privilegios iniquos, dando a todos os homens a instrucção e o trabalho e tornando pelos effeitos do amor e da fraternidade, mais suave e menos dolorosa esta pergrinação da vida que termina por uma scena tragica—*a morte.*

A. C.

As via sacras

Ha certas manifestações religiosas, que; por serem absurdas e tambem no interesse do prestigio da religião, deviam ser supprimidas. Uma das que merecem já immediata suppressão, é a via-sacra.

Via-sacra no nome, via-dissoluta na essencia e nas consequencias.

Ninguem vai alli com fé, todos aquelles que prestam o seu concurso a estas fantochadas, prestam-no, unicamente para se divertirem ou para dar na vista. Triste figura, porém fazem, porque isso só póde dar uma ideia do atrazamento em que estão.

Todos nós sabemos, que as via-sacras são um pretexto para t.lices nas quaes tomam parte o estomago e a luxuria. Logo, servem apenas para favorecer vicios e por isso devem ser, para bem da moralidade, extinctas.

E, além dos inconvenientes apontados, a exhibição de taes actos, é um ultrage á illustração sempre progressiva dos ideaes modernos. Isso era bom nos tempos em que o fanatismo, de braço dado com a devassidão, eram virtudes predominantes, nos tempos em

que a sciencia e o espirito livre eram considerados como herezias e a practica das mais estupidas e abandonadas devoções uma prova de religiosidade digna, não só de respeitar-se, mas até de venerar-se.

Hoje, porém, que a humanidade aspira á perfeição pela luz, não se toleram actos que possam trazer o cunho da treva fanaticas.

As via-sacras, quer restadas quer com qualquer fungá-gá, são de todo o ponto absurdas e são um repto ao espirito liberal moderno.

Todos esses só-e-dós que percorrem, nestes domingos da quaresma, as ruas da cidade, são restos do fanatismo antigo, cu principios de hypocrisia moderna.

No primeiro caso, são condemnaveis, porque basta a lembrança das consequencias terriveis que a acção do fanatismo teve e tem na marcha do progresso, para as abominar com todo o odio que possa caber em peito humano; e, no segundo, egualmente o são, porque nos repugna todo e qualquer fingimento de ideias e tambem porque dão uma triste ideia da intellectuidade de um povo.

Espectaculos assim, deprimem e envergonham não só a ideia que servem como até os sectarios intelligentes d'ella. Da nossa opinião, são alguns sacerdotes, que primam pela illustração e dignidade de que se revestem em todos os seus actos. Não podem, portanto, ser taxadas de sectarismo, estas considerações, as quaes fazemos unicamente animados do desejo que temos para que luz se faça no espirito obscurecido do nosso povo.

Bem sabemos que com isto vamos de encontro á opinião d'aquelles que se insurgem contra a extincção das tradições populares, mas quando essas tradições são ana-

chronicas e contrarias á expansão do espirito, não tem razão de existir e todos os meios de que nos sirvamos, são justos para as demolirmos.

O povo que se deixe de tolices inuteis e que pegue antes em livros que o instruem e quem tem po ler para isso, que nos livre de espectaculos que nos fazem ter vergonha de nós mesmos, e que são ainda a prova manifesta do pouco cuidado que a instrucção popular tem merecido dos poderosos que mandam.

Povo, nem só de padre-nossos, vive o homem!

Trilão.

A Russia d'hontem

Suspendei o vosso juizo; não são culpados.

O trabalho e o crime raras vezes andam juntos.

(Continuação)

II

—Estanislau, me disse o senhor meu verdugo, quizeste medir-te conmigo, veremos qual de nós é mais forte.

Hei de-te fazer amaldiçoar a hora em que nasceste!

De então em diante, vi-me todos os dias sobrecarregado com os mais custosos trabalhos; geiras, trabalhos extraordinarios, guardas, recados, a nada me pouparam, e como, por unico sustento, só tinha batatas e um pedaço de pão de rala, não tardou que a minha saude se alterasse. Para me dar forças, o meu tyranno, todo entregue ao seu odio, mandava-me acoutar debaixo do mais leve pretexto; em vão minha mulher pedia que me perdoassem; a unica resposta que tinha as suas lagrimas era a chibata.

Um dia, o cura, fingindo que se condoia da minha sorte, veio á minha choupana e diz-me:

—Estanislau, Deus castiga-te dos teus peccados; prosta-te diante d'elle; vae lançar-te aos pés da Mãe de Nosso Senhor, e a Czeustochova, resa de sua ima-

gem e tua supplica será ouvida.

E enquanto elle assim fallava, via-o volver um olhar impudico para minha mulher, a qual, já mais de uma vez, tinha repellido as suas crimosas tentativas. A dôr apoderouse da minha alma; os meus pensamentos foram todos desespero; comecei a duvidar do Eute.

Supremo...

—Desgraçado!...

—No mez de agosto do anno passado, retirava-me ca morto de fadiga, do campo onde tinha trabalhado; parei um instante diante da minha choupana. D'ahi a pouco ouvi um tropel de cavallos; as trompas chamavam os cães dispersos; era o senhor que vinha da caça, e, com esse senhor ocioso vinha um numeroso acompanhamento de caçadores e de monteiros. Apenas me avistou, parou o cavallo e lançando-me um olhar do baio:

—Ainda vives, descendente de Chau! me disse elle; espera, cão, eu saberei fazer com que não possas mover pé nem mão; receberás promptamente noticias minhas.

Continua.

CANTOS OPERARIOS

—Oh, minha mãe, quem é aquelle que n'esta cruz avistamos! — Meu filho, é o Nazareno A quem nós, Jesus, chamamos!

1.º

Ha uma pobre creança Com a mãe, como um cordeiro, E viu, pregado em um madeiro, Um homem a sua semilhaça! Elle com a ignorancia Sentiu o corpo tremer-lhe, Em vêr que, na frente d'elle Uma mulher se ajorlha! Foi quando elle perguntou: —Oh, minha mãe quem é aquelle?

2.º

Sentindo-se horrorizado Pergunta a mãe, outra vez: Qual foi o crime que elle fez Pra estar alli assim pregado De pés e mãos amarrado? E que bella acção praticamos Se d'ahi o desamarrar-mos! Como ficava contente Aquelle pobre innocente Que n'esta cruz avistamos!

3.º

—Tu queres saber, com verdade, O crime que elle praticou? Foi que, enquanto vivo, pregou? O bem-estar da humanidade! Elle cheio de bondade, Como o espirito sereno Quiz destruir o veneno Que á humanidade consume! Sabe pois que aquelle homem? Meu filho é o Nazareno!

4.º

E' aquelle, que em ontros tempos, Que por o seu ideal Ser puro e radical, Sofreu homicio tormentos Os mais atrozes soffrimentos nós n'isso não pensamos! Porque nunca imaginamos N'elle um ser tao perfeito! E' como prova de respeito quem nós, Jesus, chamamos!

FIM

M. F. Ratto

Carga á Bayoneta

Isto entende-se não somente com os cabotinos que, olhos fuzilando em âneas de lume, fitam-me com aquella arrogancia com que Samsão encarava os philistens quando queria figurar diante do perfido Dalilo, e com os políticos d'asa de mosca que, vaidosa como o godo Alarico, quando no cimo do Capitolio mostrava o manto dos Cesares, ensopado em sangue romano, procuram denegrir-me o nome com a caligem do vituperio, com a nod'ra oleosa e alastrante da intriga, abjecto como a traição e ascorosa como um sapo communa chaga a resumir pús, como um cancro a segregar veneno.

Ó troupe avillanada

D'onde Judas sahii, Loyola e Torquemada, Eu venho-vos dizer que anda a discórdia á solta E estruge em roilhões de febre e de revolta. Sabeis a causa d'isto, ó reles salafraios, Almas feitas de breu e risos de frascarios. São as vossas açções. A vossa consciencia Onde ha a sanha do tigre e o pús da pisorrenca Andaes a ruminar de manso pelo escuro Como os vermes febris n'um fetido monturo Projectos de vingança e mesquinhas traições Tiberios pela infamia e Judas p'las açções.

Cobre-vos um sudario infame, enodoado, Onde ha manchas de sangue e nodos do peccado. Desde creança eu li bem o vosso programma, A vossa biographia escripta a sangue e a lama. Por isso, cannivass, de consciencias póires Para mim não passaes d'uns ambulantes odres Entre as garras cruéis, ó avidos glutões Quereis dilacerar minhas convicções. Não o conseguir eis. Podeis desançar Quando o labeu da infamia á face vos lançar E ás vaias da canalha, e as iras l'um chicote Todos riram de vós como du'm franchinote

Cu torpe malandrím

Com alma de Tartufo e instinctos de Caim Pra isso basta só, ó gente vil e cretina, Eu compulsar um pouco no roubo de Christina.

(Continua)

Albino Bastos

Carta do Porto

Casa do Povo Portunense

No proximo domingo 9 do corrente reunem em assembleia geral extraordinaria, e entre os assumptos importantes a tratar ha um que deve chamar attenção de todos os associados, trata-se da criação de uma sociedade de socorros sem quotas. Eis as bases da nova:

SECÇÃO DE BENEFIGENCIA

(Sem exigencia de quota especial)

Art. 1.º A Casa do Povo resolve promover uma inscripção d'individuos d'ambos os sexos que sejam socios d'esta sociedade e que pretendam ser subsidiados quando impossibilitados de trabalhar por doença, sem que tenham de contribuir com quota especial, nas condições que seguem.

Art. 2.º As pessoas que subscreverem para pertencerem a esta secção propor-se-hão por escripto, n'uns impressos que a Direcção fornecerá, pagando 100 reis de registo.

Art. 3.º Vos socios actuaes é permitido a inscripção sem inspeção, tendo os que de futuro quizerem inscrever-se de se prestar a ser inspecionados, excepto quando a Direcção os dispense d'essa formalidade.

Art. 4.º Todos os socios que subscreverem para esta secção, acceptam o compromisso improrivel de comprar na Casa do Povo, todas as semanas, a importancia de 15250 rs. em generos, pelo menos. Nenhuma semana poderão dispensar-se d'este acto. Será permitido pagar em moeda legal ou com fixas da Casa do Povo.

Art. 5.º Tendo decorrido um anno desde que os assignantes d'esta secção iniciaram o cumprimento do compromisso, e não havendo deixado de cumprir uma unica semana, tem direito ao seguinte:

- a) A 200 reis diarios nos primeiros 60 dias da doença, provado que estão doentes.
b) A 150 reis diarios nos 60 dias subsequentes, idem.
c) A 100 reis diarios nos 60 dias seguintes, idem.
§ unico. Estes direitos são offercidos aos que gastarem, sem alteração, o minimo de 25300 reis por semana.
d) A 100 reis diarios nos 60 dias primeiros da doença.
e) A 80 reis diarios nos subsequentes 60 dias da doença.
f) A 50 reis diarios nos restantes 60 dias, idem.
§ unico. Estes direitos são concedidos aos assignantes que comprarem todas as semanas, sem alteração o minimo de 15250 reis, dos estabelecimentos da sociedade.

Artigo 6.º A sociedade terá contracto com um ou d'is medicos para realisarem a fiscalisação dos doentes, fazer inspecções, dar consultas diarias, aos assignantes da secção, e visitas domiciliarias, se llo necessario. A opinião do medico em assumptos da sua competencia deve ser considerada, devidamente, pela administração da secção e pelos assignantes da secção.

Artigo 7.º Os encargos d'esta secção serão cobertos por 50 por cento do lucro que se colher das compras realisadas, pelos assignantes, depois satisfeitos os encargos do negocio. Quando se provy que essa receita não chega, far-se-ha uma relativa diminuição no subsidio, ou augmentar-se-ha esta se a receita permitir isso.

Artigo 8.º Após 9 mezes completos de socorro, não será permitido novo recurso ao socorro, sem terem decorrido 6 mezes completos.

Artigo 9.º Este serviço não se levará á pratica sem que hajam inscriptos 450 individuos para aproveitarem os beneficios aqui consignados.

OPERARIOS FLANDEIROS

Reuniu a direcção d'esta collectividade, occupando-se largamente da critica situação em que presentemente se encontram as classes trabalhado-

ras e mormente a classe dos infelizes flandeiros que devido ao enuercimento dos generos de primeira necessidade e aos exiguos salarios bem como a crise porque estão passando. Fabricas ha que estão reduzindo os dias uteis de trabalho do que resulta enormes dificuldades no viver já atribulado dos operarios.

Depois de larga discussão ficou resolvido procurar todos os meios para attenuar tal situação.

Porto, 27 - 3 - 905.

M. da Silva Guimarães

Noticiário

Um facto... mysterioso — A direcção da Associação Artística transpelin lo os seus estatutos — Aos socios da mesma Associação

Vamos apontar a quem nos lêr, um acto de completa ignorancia cu talvez, o que ainda é peor, de absoluto desconhecimento dos emblemas, symbolos do trabalho.

Ha muitos annos, que se acha construido um magnifico edificio, na rua de Gil Vicente, d'esta cidade, o qual pertence á Associação Artística que já foi muito util ao operariado vimaranense, que encontrava alli, algum linitivo nos transe mais difficeis da sua vida.

No cimo da porta principal, existia um emblema, forrado de um esquadro e um compasso, representativo do symbolo do trabalho.

Pois a direcção actual, da qual conhecemos pessoalmente alguns membros, embirrou com o emblema; chama um pedreiro que, armado d'um cinzel e martello, faz desaparecer o mesmo emblema, que no entender da mesma Ex.ª e esclarecida Direcção não representava cousa alguma! Nescios!

Porem ha mais:

Sendo o referido preço pertencente a uma Associação e consequentemente a todos os associados, não poderia a mesma lucida Direcção praticar semelhante patetica, sem o voto da assembleia geral. Houve alguma reunião em assembleia geral que tal auctorisasse? Não.

Logo portanto a intelligentsima direcção caleou aos pés os Estatutos da Associação, que dizem, no Capitulo 6.º Art.º 15.

«A assembleia geral é o poder soberano da Associação.»

Logo se a assembleia geral não auctorisou tal escandalo, a benemerita direcção tem que pôr tudo que formava o mesmo emblema no seu logar: (isto do seu bolsimbo) pois então!

Mais:

Nos me mos estatutos, ci-

tado art.º 15.º, alinia) — encontra-se a seguinte disposição. «Deliberar finalmente sobre tudo o mais que lhe fôr proposto se não fôr contrario acs fins da Associação. . . »

Onde está a deliberação da assembleia geral, resolvendo a demolição do emblema?

Quando foi e aonde, que a «dignissima» direcção, apresentou a proposta? Onde existe a mesma? Mysterio!

E assim, está uma Associação de socorros entregue a meia dúzia de homens que dispoem d'ella de motu-proprio sem darem conta dos seus actos aos associados!

E estes que fazem? Onde está o seu poder!

Mais:

Na frontaria do edificio, existe uma escriptão do theor seguinte — «In arta fraternitas» — que traduzida para portuguez, é o seguinte: — «Fraternidade na arte» — ou «Irmãos no trabalho» — Fraternidade-Ex.ª Direcção, Fraternidade é uma das tres palavras, que symbolisam as aspirações operarias, é o lemma da Republica Francesa — Liberdade — Igualdade — Fraternidade.

Não lhe causa colicas, semilhante palavra, na frente do edificio, que pelo visto aspira a circulo catholico?

Ficamos por aqui, para continuarmos, no proximo n.º, porque temos ainda muito que dizer, e não nos sobra o espaço. Até á semana, pois.

FALLECIMENTO

Victimada por uma lesão cardíaca, falleceu na passada segunda-feira, a Ex.ª sr.ª D. Aurora da Conceição Souza Faria, estremeçada filha do nosso amigo, sr. José Maria de Souza Faria, negociante de farinhas, da rua de Villa-Flor, e um apaixonado pelo movimento operario e associativo d'esta cidade. O seu funeral, que teve lugar na quarta-feira seguinte, pelas 8 horas da noite, era formado de duas extensas alas de socios das associações de classe dos Operarios Fabricantes de Calçado de Guimarães, e Surradores e Curtidores de Guimarães. Seguiu-se o caixão com o cadaver da desditosa menina conduzido por dois socios de cada uma das associações referidas, e seguiram os tolhetes quatro amigos do pae da fallecida. Em seguida as seguintes coroas e um bouquet de seu pae, conduzido pelo sr. José Francisco d'Almeida; dos empregados da casa, pelo empregado sr. Manoel Magalhães; de seu irmio, pelo presidente da Associação dos Fabricantes de Calçado; de seu cunhado, pelo presidente da Associação dos Surradores e Curtidores, e outro bouquet offercido por um grupo d'amigos, conduzido pelo presidente da Caixa de Socorros dos Curtidores e Surradores. Seguiram-se as bandeiras das ditas Associações, cobertas de crepes, fechando o prestilo froube uma banda de musica. Na capella do cemiterio foi rezado o responso de sepultura, em seguida dado o corpo ao coval. Paz a sua alma. A familia envetada as nossas condolencias.

A nossa policia--Considerações varias--Casos extraordinarios!--3:000\$000 reis à rebatinha--Outra aggressão grave--Ferimentos--Os protestos do povo.

O direito individual entre nós é uma chimera, e avança-nos a dizer mais:

Em Guimarães o cidadão pacífico está á mercê dos insultos e aggressões que qualquer ébrio fardado e armado de chafalho e revolver, queira cuspir e infringir, sem motivo justificado.

O infeliz que tente sequer defender-se de qualquer esbirro que se lhe depare ao canto ou esquina d'uma rua, ou acaba por desistir, perante a força bruta, do seu intento, ou se sepulta debaixo da sua propria obra.

Notem, senhores da policia, que o direito de auctoridade superficial e bestial, tem limites que se não podem transpor. O bonifrate que se estende de mais desconjuncta-se, isto é dos livros.

Policia- uma cidade, como se deve, para que a auctoridade seja acatada e para que tal serviço de segurança publica produza resultados proficuos, não é, por certo, por semelhante systema, que é o mais avesso ao direito e regalias do povo.

Chegou o momento de rompermos com os imbecis, com os mentecaptos, com os borrachos q e por ali exameiam, que nos apparecem a cada canto, ás esquinas, nas ruas e praças da cidade.

A opinião publica, aterrada pelos crimes escandalosos que dia a dia vem á suppuração, sem o verdadeiro castigo condigno ou reprimenda clara, ganha animo e arroja-se a verberar a gente do sabre, do cacete e do chicote, valente e forte, como uma torrente comprimida que rompe os diques e não perde o impeto.

Nós tambem nos abysmamos e cahimos em assombros!... em frente de uma tropa bravia, irrequieta e sem disciplina, a atolar-se n'um lamaçal de infamias, da baixezas se n par, de crimes impardaveis, como um grupo de guiatos irresponsaveis, abr. p anente organizado, para saravar de pedras uma feira a abarrofar de gente que trabalha e negocia.

Os factos criminosos que temos apontado, e vamos apontar, obriga-nos, a todos nós, que nos arvoramos em deffensores do povo opprimido, a investir com estes espantalhos com cavalheiresco arreganho, abanal-os, sacodil-os, dar-lhe uns poucos de empuxões robustos, até provar evidentemente que, o que para ali se vé, nada mais é do que artefactos de papelão, assás desbotados, muito cheios de no-dons gordurentas, de feio aspecto maligno.

Os sabres estão em cruz, contra todos, mesmo contra nós, e uma espada em riste acoberta os «engraçados furiosos» nas

suas locubrações funambulescas, com as descolações articulares d'uns palhaços em cima d'um sarcófago!

O publico attonito, bate palmas n'um mysto supremo de gaudio e de odio, proprio de fazer rir um «Marmont» encarregado do ultimo desengano.

Um homem é cogido a passar na sua vida publica, por traizes perigosos, para não perder o brilho da espada, o lustre dos botões, o esvoalço da farda; e este homem quiz manter sempre n'uma linha de conducta, n'um aprumo seguro, para se impôr ao respeito e á quasi veneração de tudo e de todos... mas... forçado foi a abdicar dos seus direitos. E hoje, e hoje, que diremos?!... Oh! fatalidade inaudita!

Oh! orgulho de mandar!

Uma corporação de policia a tomar, a calhar, a perder o prestigio, a empregar-se exclusivamente, pelo que se vé e observa, a aggreddir, a mal tratar, a vigiar rameiras e a multal-as em actos de transgressão involuntaria!

O desgraçado producto de amores baratos, os inconfessaveis proventos d'uma esqualida miseria, arranca-se-lhe n'uma ambição insaciavel e n'uma inquietã grandeza d'animo, sem se pensar nos encommodos soffrimentos da fome com que muitas vezes luctam. E para estes bellos e admiraveis serviços pagamos 3:000\$000 reis annualmente!

E elles impam e riem sarcasticamente porque trazem no bandedo a degestão dos fructos sasonados d'uma completa liberdade d'acção, movendo-se algem a occultar-lhe os erros e não raro até crimes, acari-nhando e afagando desvios e excessos oppostos ao direito de punir, numerosos e horribis!

E a horda nega o que não pode justificar e justifica o que não pode negar, sem se lembrar do que mentindo e horrorisando por audacia, provoca o riso, o escarneio, e a manifestação de rancor dos espiritos esclarecidos, imparciaes e rectos, que a repelle nos seus tristes dias de descredito e de ostracismo.

Mas preciso é manter-se, a todo o custo, um elemento de ordem, transformada em elemento de desordem, para gaudio d'uma politica de corrilhos. É preciso manter-se porque, praticando-se traficancias, servem-se amigalhões, caleando-se a lei merecem sorrisos e applausos dos seus, fosquinhas e gratujos dos imbecis. Um simples cartão d'um triumpho, de copas ou de pans, ordena uma prisão, sem se attender a razões ou motivos que a possam determinar; uma carta corriqueira faz andar um processo de investigação de casa de Herodes para casa de Pilatos!... e... uns olhares ternos fazem perder a tramontana a um estrellado.

Irremediavel perdição!
Abençoada policia!

Um negociante lesado na sua honra e nos seus interesses, morador na rua da Caldeirã, vae, em breve, tentar uma acção no tribunal contra um larapio de fechaduras, porque o caso na policia passou á historia das *traiquetas* de gabinete. Uma mãe lacrimosa, queixa-se-nos de que sua filha ouviu na esquadra palavras offensivas á sua honra!

No domingo pelas 5 horas da tarde deu-se um caso com a policia, no Largo de Franco Castello Branco, que indignou todas as pessoas que o presenciaram.

Relatemos o facto conforme d'elle tivemos conhecimento:

Aquella hora passava alli uma carroça do sur. Domingos Vinagreiro, guiada, pelo seu creado Francisco Magalhães que, devido a um acaso inesperado atropelou a menina Adelina Baptista, de 20 mezes de idade, filha de João Baptista e de Olivia Rosa Leite, no mesmo Largo estabelecidos com venda de vinhos verdes, da casa do sur. Conde de Margarida.

O guarda de giro n.º 9 intervem no caso prendendo o Magalhães; por sua vez intervem tambem o guarda n.º 8 que na occasião passava á prisão. O Magalhães obedece ao 9 e diz não reconhecer auctoridade ao 8, pois que não o conhecia como policia. O n.º 8 enfurecido, com os olhos chamejantes de colera, lança mão do chicote, que o Magalhães empunhava, e com o cabo do mesmo principia a bater valentemente no pobre criado.

Os circumstantes protestam e em côro gritam — «Não bata no homem!» — «O envergamento parecia mais endiabrado, pois que agora dava saltos como um mico. Por fim lá levaram o Magalhães para a esquadra com a cabeça partida e a escorrer sangue.

Esta scena revoltou toda a grande massa de povo que alli estava e por sua vez acompanhou tambem o preso á esquadra.

O valente n.º 8, depois do Magalhães alli dar entrada, rapa do chafalho do guarda n.º 10 que estava do serviço á porta e novamente o aggrede com sanha de animal feroz:

O povo, cá fóra, grita outra vez — «Não bata no homem!» — E ainda outros — «Larga o homem, bruto!» —

Então o n.º 8, cambaleando como um ébrio, grita por sua voz á massa, empunhando o revolver — «Retirem-se!» «Retirem-se!»

Houve então um momento de confusão e de panico!

O povo dispersa atabalhoadamente e o preso, bastante ferido, sobe ao andar superior, onde o mandam lavar o sangue que dos ferimentos que recebeu na cabeça, corria abundantemente.

Decorreu apenas cinco minutos. O guarda n.º 8 ainda não tinha satisfeitos os seus maus instinctos. Querria provar mais diabruras, mostrar mais a sua valentia, evidenciar mais o seu estado de... *malhado*.

E assim fez. Vai ao quintal onde se achava o Magalhães e ali desanica outra vez o desgraçado. Ouvem gritos de socorro! Os inquilinos dos predios, lado norte, da Praça de S. Thyago, correm ás janelas trazerias que dão para o quintal da esquadra. Em presença da nova aggressão que o Magalhães estava soffrendo, esfuziam anathemas terriveis contra o aggressor. Acto continuo o aggreddido é levado aos contões para dentro da esquadra, onde o praticante da pharmacia Dias, da rua da Rainha, lhe pouso os ferimentos, sendo em seguida posto em liberdade.

E por hoje ficamos por aqui.

Notas

A nossa redacção vieram muitos individuos relatar-nos com manifesta indignação, a aggressão covarde feita pelo

guarda n.º 8 ao pobre Magalhães.

Já foi dada queixa no tribunal contra o aggressor e é parte no processo o snr. Domingos Vinagreiro.

São 12 os individuos que se prestaram a dar a prova testemunhal, sendo todos unanimes em affirmar, que o guarda n.º 8 não foi provocado e desrespeitado como pretendeu affirmar á auctoridade administrativa. Uma das testemunhas que vai depôr no processo é o proprio pae da creança que foi atropelada.

Veremos se depois de instaurado o processo contra o n.º 8 e de lhe ser intimado o despacho de pronuncia, o snr. administrador, cumprindo a lei, suspende do exercicio das suas funções, até responder no tribunal por este acto de selvageria, o seu valente subordinado.

S.ª Ex.ª tambem não ignora, que a mesma lei, manda expulsar o guarda que seja condemnado em qualquer tribunal, por crimes de certa gravidade.

Ficamos na expectativa.

O Magalhães deu entrada no hospital em estado muito grave. Estivemos alli, e ao vermos o estado do ferido tivemos uma impressão de horror. Alguem nos affirmou no hospital, que os ferimentos da cabeça e uma outra do hombro esquerdo, que foi feito com ferro perfurante, podem produzir a morte, se resultarem inesperadas complicações internas.

Informam-nos que o chefe da policia pediu a um titular, de quem depende a administração do concelho, toda a protecção para o selvagem que na policia tem o n.º 8, affirmando ser o bruto o melhor policia. Para o chefe é com certeza, pois que lhe faz todo o serviço «domestico» de casa, engraxa, limpa a espada, faz concertos de carpinteiro, vindima no tempo das uvas maduras, etc. etc.

Pois fi que sabe o illustre chefe de que nós estamos dispostos a levantar uma campanha medonha contra a policia, caso o bebado seu protegido não seja expulso da cor-

poração de que hoje já indevidamente faz parte.

No proximo numero do nosso jornal, vamos relatar factos sensacionaes.

Foram intimadas hontem as 12 testemunhas, para deporem no tribunal d'esta comarca.

Cio d'umito

Um d'estes dias foi remettido á redacção d'esto jornal, um exemplar dos seus penultimos numeros completamente *mordido*.

Mandamos, sobre as mordeduras, proceder a exame respectivo, diagnosticando os peritos que taes mordeduras e baba aderente, pertence a qualquer fraldiqueiro hydrophobo.

Com vista á inspecção de sanidade publica.

O boletim foi presente ao corpo rectorial d'esta folha para dizer o que fór de justiça.

Concurso

No ultimo concurso para escrivães de Direito e contadores, os primeiros clasificados, foram os nossos conterraneos Snrs. Alvaro da Silva Penafort, Accacio Machado de Faria Oliveira, e Manoel Ribeiro de Souza Mascarenhas. Por tal motivo felicitamos los sinceramente.

Convite

São convidados os socios da «Casa do Povo de Guimarães» a comparecer no dia 16 d'abril pela uma hora da tarde na rua de D. João I.º sala do Gremio Liberal, para tratar de assumptos que lhe serão apresentados no acto.

N. B. A assembleia succederá com qualquer numero de socios.

ANNUNCIOS

Nova Serrelharia civil e Mechanica

—DE—
ANTONIO DA SILVA

N'esta nova officina, ha pouco estabelecida na Praça de S. Thyago, faz-se toda e qualquer obra de serralheria a preços de excessiva modicidade.

Vêr para crêr.

Casa

Vende-se uma de trez andares e agua furta la sita no Largo do Trovador n. 15 e 16. Trata-se na mesma.

SERRALHERIA CIVIL E MECHANICA

DOMINGOS VILLA NOVA GUIMARÃES

84—RUA DE SANTO ANTONIO—88

GUIMARÃES

Encarrega-se de toda a obra de ferro fundido e forjado, assim como noras para poços de melhor systema de canecos, bombas de picote e pressão, fusos para lagares e empresas Mavis. Fogões para carvão e lenha systema aperfeiçoado, ferragens para a construção civil, grades fundidas e forjadas e portões, o qual para isso tem um completo mappa de desenhos no qual o freguez pôde escolher. Assim como faz toda a obra de ramadas, as quaes vende a 55 reis o kilo. Cofres á prova de fogo, camas, bidés, lavatorios, colchões e encanações para agua, etc.

Preços sem competencia.

A loja do preto

DA VIUVA DE

Arthur Joaquim Rebello

Rua de S. Damaso

(ESQUINA DO CAMPO DA FEIRA)

GUIMARÃES

Acreditado estabelecimento de mercearia com variado sortido de generos alimenticios de 1ª qualidade. Especialidade nos puros e saborosos cafés MUKA e S. THOME; aquelle ao preço de 850 reis, e este para 700 reis, cada kilo, moido á vista do freguez, e em machinas especialmente adquiridas para tal fim. Estes saborosos cafés por moer, terão o abatimento de 20 reis em kilo.

A loja do preto

AGUARDENTE DE VINHO

Vende-se na mercearia

FREITAS

à Porta da Villa

Guimarães

THEYPOGRAPHIA DA Justiça de Guimarães

Rua de D. Luiz I, 27

GUIMARÃES



Encarrega-se de toda a classe de installações electricas, campainhas, telephones, para-raios, luz electrica, motores a gaz, polvore, benzina, alcool, machinas de vapor, turbinas, etc. etc. ORGANAMENTOS E PROJECTOS GRATUITOS S.º

INSTALACOES COM CORRENTE DA COMPANHIA

DEVIDAMENTE APTORISADO PELA COMPANHIA DE LEZ ELECTRICA DE GUIMARÃES

JOAO CARLOS DE CARVALHO

GRANDE HOTEL DO TOURAL

Nova officina de fustileiro

Avraro Pinto de Figueiredo

Nesta officina faz-se toda a obra pertencente á sua arte, assim como encanamentos de chumbo, de cobre e cano de ferro galvanizado. Encasquilha a metal branco ou amarello toda a ferragem pertencente a trens. Preços modicos. Trabalhos garantidos. RUA DE CAMOES 8 12. GUIMARÃES

Officina de carpinteria

Ob:as rapidas e grande dep:sito de madeiras

DE

Ignacio José de Sá

79—RUA DAS LAMELLAS—81

GUIMARÃES

O proprietario d'esta acreditada officina encarrega-se, com seriedade, tanto a jornal como a contracto, de executar rapidamente toda a obra do seu master, por preços modicissimos, com madeiras já preparadas, bem como soálho, fôrres, portas, e caixilhos de diversas formas e fôrtes.

Vende madeiras de todas as qualidades por junto e a retalho, taes como: castanho, pinho-pitch-pin (Riga) e da terra, vigas e pranchões de riga etc.

O proprietario d'esta officina pede aos seus Ex.ºs freguezes que quando quizerem orçamentos se encarrega de os levantar gratuitamente, tanto na cidade como fóra.

Tem tambem grande quantidade de taboas de serrador e barreiros de primeira qualidade.

Construção de charrattes e venda das mesmas.

Os Ex.ºs freguezes que precisam de algum official de carpinteria a qualqu'r hora do dia, está á disposição, garantindo a perfeição do trabalho.

Estabelecimento de ferragens e pregagens com Filial no PEVIDEM

Ourivezaria e Relojoaria

DE

Alberto Cezar

Transacções e concertos em ouro, prata e relógios. Especialidade em artigos de novidade nacionaes e estrangeiros

93 — RUA DA RAINHA — 95

GUIMARÃES

Atelier photographico

José dos Santos Carvalho

OPERA-SE TODOS OS DIAS E COM TODO O TEMPO

DESDE AS 9 HORAS DA MANHÃ ATÉ ÀS 5 DA TARDE

Conserva-se os clyxés para repetições

Rua de Santo Antonio — GUIMARÃES



OFFICINA DE RELOJOARIA

— DE

MATHIAS DUARTE DE MACEDO

RUA DA RAINHA, N.º 136

—GUIMARÃES

Encarrega-se de todos os concertos concernentes á sua arte